

ASSOCIATIVISMO, PROFISSÕES E POLÍTICAS PÚBLICAS

IMAGENS E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE GÊNERO E DE TRABALHO

A MULHER NA PESCA: TRABALHO, CULTURA E PERSPECTIVAS SUSTENTÁVEIS

Jeruza Jesus do Rosário¹

Resumo

O artigo advém do interesse em analisar a importância do papel da cultura produzida por marisqueiras e pescadoras através de pesquisas desenvolvidas na Resex Baía do Iguape, reserva extrativista localizada no Recôncavo Sul Baiano. Ao longo da década de 1990, as relações de gênero foram definitivamente incorporadas nas agendas nacionais e internacionais. Para as mulheres, isso representa um importante espaço de articulação política e de visibilidade, permitindo a construção de profundas mudanças na ordem natural, baseadas na justiça social e em inovadoras fundamentações educacionais. Nas vivências dessa mulher trabalhadora na pesca, ela produz uma cultura sensível à questão ambiental que anima a valoração da vida e, conseqüentemente, norteia caminhos rumo à sustentabilidade. No sentido da sustentabilidade, o cuidado com o meio expressado por essas mulheres direciona a pesquisa para a relevância de aspectos culturais marcantes desta população e quais principais contribuições para a educação podem ser elencadas neste processo. Incorpora-se ao trabalho, o levantamento das histórias do cotidiano da mulher na atividade pesqueira feminina em seu espaço de vida, de vivências do mundo simbólico, da realidade dentro de uma área ambientalmente protegida.

Palavras Chaves

Pescadoras; Cultura; Sustentabilidade

¹Geógrafa, Urbanista, Mestre em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB/Campus V. jeruzarosario@hotmail.com

Introdução

Este artigo advém do interesse em analisar a importância do papel da cultura produzida por marisqueiras e pescadoras. O estudo desenvolve-se na Resex Baía do Iguape, reserva extrativista localizada no Recôncavo Sul Baiano. Nas vivências dessa mulher, ela produz uma cultura sensível à questão ambiental que anima a valorização da vida e, conseqüentemente, norteia caminhos rumo à sustentabilidade.

Tem-se, aqui, o conceito de sustentabilidade como a continuidade dos aspectos econômicos, sociais, culturais e ambientais da sociedade humana, que prediz a participação comunitária na definição do manejo da área protegida e dos principais atores interessados. Ela implica a mudança de uma participação mais passiva/consultiva, para uma forma de participação mais interativa e mais distribuidora de poder. No sentido da sustentabilidade, o cuidado com o meio expressado por essas mulheres direciona a pesquisa para a investigação e análise de aspectos culturais marcantes desta população.

A inserção da mulher na atividade pesqueira se fez, sem o devido reconhecimento de seu trabalho e de seus direitos. Historicamente, na busca pela sobrevivência, as mulheres adaptaram-se às exigências e regras geradas pela competitividade comuns ao processo de *acumulação* e poder *dominante*. Isso resultou em todo um histórico de lutas pela equidade de direitos perante aos homens. Na história dessas pescadoras fica evidente a falta de interesse do poder público em criar condições mais justas de sobrevivência para elas.

É nessa busca pela equidade entre homens e mulheres em que se estabelece a grande participação das pescadoras nas mobilizações realizadas na Baía do Iguape, visando a valorização de sua atividade pesqueira e pelas suas garantias trabalhistas. O trabalho duro e a definição de estratégias de sobrevivência ainda emergem como temas recorrentes em suas trajetórias de vida.

Em pesquisa da Fundação Perseu Abramo (DI GIOVANNI, 2006:52), averiguou-se que as mulheres que têm parceiro e filhos trabalham mais que as que tem somente filhos. Isso nos dá indícios de que o cuidado das crianças parece não ser igualmente dividido com os homens, e que as mulheres passam boa parte de seu tempo cuidando também de seus parceiros. A sobrecarga de trabalho feminino se deve ao fato de que as mulheres ainda são responsáveis pelo trabalho chamado “doméstico”, composto de tarefas reconhecidas como “tarefas de mulher”. Essa expressão acaba naturalizando o fato de que homens não as executem.

Este estudo desenvolve-se sobre a Resex Baía do Iguape, especificamente nas localidades de Maragojipe, Nagé e Coqueiros. Dados do IBAMA e da Colônia de Pescadores de Maragojipe e de Santiago do Iguape nos mostram a existência de um universo de cerca de 8.000 trabalhadores na pesca em toda a Baía do Iguape. Em Maragojipe, são associados, aproximadamente, 3.500 pescadoras e pescadores, sendo mais de 50% deste corpo de associados composto por mulheres.

A Resex, conforme definição do IBAMA, “é uma Unidade de Conservação destinada à exploração auto-sustentável e conservação dos recursos naturais renováveis por populações nativas e extrativistas. Tem como propósito garantir a terra às famílias nativas e extrativistas, conservar os recursos naturais por meio de sua exploração sustentável, organizar, capacitar ou fortalecer o processo de organização dos moradores para a co-gestão com o IBAMA dos espaços e recursos naturais, e implementar alternativas de renda que propiciem a melhoria da qualidade de vida das famílias que habitam na área”.

Esta pesquisa faz-se sobre mulheres pescadoras, mulheres negras em sua grande maioria, a partir de suas memórias, considerando-as como sujeitos delineadores de cultura e agentes transformadores do seu espaço.

Estudar as mulheres trabalhadoras da maré numa reserva extrativista evidencia a busca de retratar o cotidiano das pescadoras em seu espaço, a percepção que estas mulheres possuem de si próprias neste espaço e a relação delas com o meio ambiente. Através da observação do espaço vivido, e sob o prisma da ciência geográfica, procura-se diagnosticar a representação desse ambiente como cenário de vida e de trabalho, assim como o papel dele como mediador na transmissão de conhecimentos.

Vale registrar que, para este estudo, trago a utilização do termo “pescadoras” com referência às mulheres trabalhadoras na maré, devido à relevância do fato de que muitas delas realizam a pesca propriamente dita, além da mariscagem. Faz-se também necessária a consideração de que a atividade da pesca abrange desde os procedimentos iniciais, como a preparação dos apetrechos necessários à atividade da cata ou pesca, até o beneficiamento do produto.

Marisqueiras e Pescadoras: Produtoras de Cultura em Seu Cotidiano

A percepção que a mulher pescadora tem de si e do desenvolvimento de seu trabalho, constitui um cotidiano de aprendizados e lições que se espraia pelo espaço em que vive. Neste ambiente, são mulheres, mães e trabalhadoras que fazem de suas vidas

fontes de ensinamentos que se propagam infinitamente através das memórias e experiências vivenciadas na Baía do Iguape. Cada uma, ao seu jeito, vive, adapta-se e produz cultura, principalmente pelo seu trabalho na pesca, realizado com orgulho, e pela relação íntima com a natureza que ele implica.

A mulher pescadora na Baía do Iguape enfrenta dificuldades diversas advindas da realidade integradora de uma reserva extrativista. A população da Baía do Iguape traz em seu bojo os saberes constituídos pelos antepassados, os quais são perpetuados pela transmissão de tradições. Esses saberes contam com atores sociais de grande relevância representados pela figura da mulher pescadora. Historicamente, este raciocínio ganha validade pelo fato de que a mulher, culturalmente, parece mesmo ter desenvolvido uma atitude mais cuidadosa com o seu meio, tendendo à reprodução de um comportamento socialmente aprendido. Assim, acredita-se no conseqüente estímulo à postura mais zelosa com o meio ambiente natural e humano e no reforço dos laços de afetividade que unem as pessoas ao meio ambiente.

Acredito que, apesar de o dualismo natureza-cultura ser um produto cultural de nossa sociedade moderna e urbana, algo pode ser transformado em nossa visão de mundo, no momento em que aceitemos partilhar de valores que trazem as singularidades da conexão entre ser humano e natureza, no desenvolvimento de uma cultura em prol do modo sustentado de vida.

Esta pesquisa se justifica pela necessidade de análise da importância do papel da cultura produzida pelas mulheres trabalhadoras na pesca frente às necessidades sociais relacionadas à temática da sustentabilidade. Ao longo da década de 1990, as relações de gênero, por força das estratégias desenvolvidas incansavelmente pelo movimento feminista, foram definitivamente incorporadas nas agendas nacionais e internacionais e têm sido fundamentais na construção da visão de sustentabilidade entre sociedade e meio ambiente. Para as mulheres, isso representa um importante espaço de articulação política e de visibilidade, permitindo a construção de profundas mudanças na ordem natural, baseadas na justiça social.

É imprescindível para a linha de estudo desta pesquisa analisar a integração da mulher na sociedade e como ela vem conquistando espaço e ajudando a construir um mundo onde homens e mulheres se completam na busca de um bem-estar comum. Esta mulher a que me refiro é, ao mesmo tempo, agente social, econômico e político. É uma

mulher participativa, trabalhadora e que quer contribuir para a evolução dos tempos, como um ser humano que pensa e que tem forças junto à sociedade.

Este tema suscita a importante discussão sobre a inserção da mulher na atividade pesqueira, que se realiza ainda sem o devido reconhecimento de seu trabalho e de seus direitos. De modo geral, somente elas próprias reconhecem sua condição de pescadoras, realidade esta que evidencia o grau de “invisibilidade” do trabalho destas. As mulheres trabalhadoras na maré na Baía do Iguape consideram-se pescadoras mesmo que não “embarcadas”, o contrário do que acontece com os homens, que segundo elas próprias nas entrevistas, só se consideram “pescadores” quando fazem uso de algum tipo de embarcação como a canoa, por exemplo. A partir de suas experiências na busca da sobrevivência, essa mulher pescadora assume as rédeas na construção de seu espaço de vivências e de trabalho e vem construindo o seu próprio caminho, em busca de melhores condições de vida para as atuais e futuras gerações.

Neste sentido, procuro dirigir esta pesquisa rumo à compreensão do modo de desenvolvimento de culturas de localidades como a Baía do Iguape, tão enraizadas no mundo natural, encantadas por seus mitos, explicações mágicas e tradições seculares, a exemplo das histórias sobre a Vovó do Mangue e do Caipora. Quiçá até mesmo motivar o repensar das relações entre Homem e meio natural, tendo a mulher como indivíduo de representação no processo do “despertar do mundo”. Esta reavaliação de conduta frente à vida, acontece no momento em que as atenções se voltam para a segurança planetária em suas dimensões geográficas, tendo em vista os problemas que se colocam em pauta face às questões referentes à sustentabilidade do planeta.

Há a crença de que as comunidades tradicionais estão mais próximas da natureza e são motivadas por uma ética de conservação. Essa ética de conservação está, vejo eu, calcada nos paradigmas de imaginário, topofilia, relação sociedade *versus* natureza, visão holística, espiritualidade, afetividade, cultura e ecologia social, entre outros. Melhores perspectivas se delinearam nas últimas décadas, já que se desenvolveram bastante e positivamente as pesquisas sobre “povos tradicionais”, sobretudo sobre os desafios e conflitos em que estão inseridos, numa perspectiva interdisciplinar, construindo assim interfaces entre as ciências sociais e as ciências da natureza (CASTRO, 1997:165).

Conhecer as práticas e representações de povos tradicionais, a exemplo das mulheres trabalhadoras na pesca, torna-se um instrumental viável tendo em vista que

eles conseguiram, ao longo do tempo, elaborar um profundo conhecimento sobre os ecossistemas nos quais vivem e trabalham, conhecimento que lhes garantiu, principalmente, a reprodução de seu sistema social e cultural, seu modo de vida. Os sistemas tradicionais de manejo não são somente formas de exploração econômica dos recursos naturais, mas revelam a existência de um complexo de conhecimentos adquiridos pela tradição herdada dos mais velhos, de mitos e símbolos que levam à manutenção e ao uso sustentado dos ecossistemas naturais.

Nos depoimentos gravados até então, as pescadoras da Baía do Iguape têm clareza de sua condição de pilares de suas famílias, de mantenedoras, assumindo e se pondo como o esteio do lar, pois a “mulher pescadora é extremamente preparada para conduzir um lar”, afirma Roquelina, pescadora da Baía do Iguape. Em vista da labuta diária em administrar as dificuldades do dia-a-dia da vida no manguezal, a mãe-pescadora se percebe como agente multiplicador de suas vivências, de seus saberes. Essas vivências e saberes transcorridos no meio ambiente natural, pautados pela tradição, povoam o cotidiano de quem vive na pesca.

Com as pescadoras, o papel da mulher dentro da sociedade firma-se de modo muito mais abrangente, segundo uma rotina de trabalho matizada por um expressivo esforço físico e, portanto, desgastante por ser realizado em um substrato movediço, enfrentando as diversas condições meteorológicas. Apesar dessas condições difíceis, as relações trabalhistas ainda se apresentam como deficitárias em reparos no que se refere às condições de trabalho feminino na pesca, resultado do histórico das imposições sociais sutis sobre o que seria o dever de toda “boa mulher”. No entanto, as mulheres representam muitas vezes um auxiliar essencial no sustento das famílias.

Esta pesquisa somente se faz possível pelas narrativas das pescadoras que podem dar rumo às reflexões, e que, de acordo com Ferreira (1996: 31-33), funcionam como uma espécie de ponte entre a teoria e a prática, estando mergulhadas em histórias despertadas pela memória. Com a contribuição da História Oral, nessas memórias, cria-se a possibilidade de tornar perenes as vivências todas dessas mulheres, as experiências de trabalho e de vida que se animam dia após dia.

Assim, deve-se registrar que o papel feminino é de extrema importância no que se refere à manutenção da tradição, já que é ela a educadora e socializadora maior nas sociedades pesqueiras. São as mulheres que parem, cuidam, passam a maior parte do tempo com suas crianças, numa partilha contínua de ensinamentos e aprendizados em

casa, no manguezal ou na canoa. Desta maneira, as mulheres que aprenderam e continuam ensinando, dão continuidade a jeitos singulares de ser, colaborando com a preservação de uma cultura local. Uma cultura que prediz um desenvolvimento íntimo de negociação e produção com o mundo a partir da realidade produzida pelas pessoas.

A Cultura como Estratégia Rumo à Sustentabilidade

A cultura constitui a percepção predisposta a enxergar a tudo que faz como parte do meio, conforme Laraia (2001). Logo, os conceitos de cultura e meio ambiente serão articulados aos de homem e natureza. Tem-se, então, uma apreensão de como determinados grupos têm a possibilidade de explicar a si próprios, construindo e transmitindo as tradições de fé, de cuidado com o outro e, por isso, a necessidade de estar atento aos modos de pensar local. Nessa realidade, há uma cultura produzida por mulheres, onde se estabelece uma relação entre o ser humano e a natureza tendo suas bases fundamentadas em práticas culturais, nas quais a natureza se apresenta de forma intensa. Este pensamento é consoante ao de Cláudia Cristina Souza (1991), quando esta, em seu estudo também sobre as mulheres da maré de Maragojipe, observa que estas trabalhadoras parecem mesmo sempre se referir muito preenchidas de intimidade com o seu lugar, com o manguezal, suas casas. Nesta perspectiva, percebe-se o quanto Homem e natureza se integram.

O ritmo de trabalho é determinado pela cumplicidade do homem com a natureza, assim como a compreensão da pescaria boa, a quantidade de espécies de pescados, tudo isto encarado como um presente da “gentil mãe natureza”.

Ser uma pescadora artesanal é, primordialmente, tornar-se portadora de um conhecimento que somente o cotidiano da pesca lhe confere, o que permite conduzir suas atividades, ampara suas atitudes numa ampla e complexa cadeia de inter-relações ambientais. Aliás, como já afirmara Diegues (1983:199) em seu estudo sobre camponeses e trabalhadores do mar, “o importante não é conhecer um ou outro aspecto, mas saber relacionar os fenômenos naturais e tomar as decisões relativas às capturas.”. A pescadora se habitua aos ritmos naturais, se integra e aprende com o meio natural, transformando-se num elo-mestre dessa cadeia de aprendizados e ensinamentos. Posto isto, deve-se registrar que o papel feminino é de extrema importância no que se refere à manutenção da tradição, já que é ela a educadora e socializadora maior nas sociedades pesqueiras.

De algum modo, as pescadoras da Baía do Iguape são exemplos de mulheres que vêm demonstrando como construir relações de maior solidariedade, mobilização coletiva e modos de resistências, em busca de melhores condições de vida para si e para os seus, através da negociação diária na defesa do ganho do seu sustento e de sua família. Embora as mulheres trabalhadoras da pesca só tenham tido o seu trabalho reconhecido em carteira de trabalho no início da década de 80, a Baía do Iguape mostra-se como uma localidade privilegiada, em que elas vêm tomando as rédeas rumo à conquista da garantia de seus direitos trabalhistas à medida em que se organizam.

Muitas destas mulheres se posicionam de forma engajada na execução de seu trabalho, como o exemplo de Roquelina Almeida, 43 anos, pescadora desde os 10, mãe de três filhos e atual presidente da colônia de pescadores. Ela mostra muita consciência sobre o valor da atividade na pesca e sobre o fato de a mulher ter que dar conta de todas as atividades de seu dia-a-dia: “passa por todo o processo da mariscagem e tem que cuidar de casa, lava roupa, cuida de filho e ainda tem que ter tempo pra ser mulher, pra ser amiga, pra ser mãe...”

Conforme Emma Siliprandi (2000:65), as mulheres são as cuidadoras das relações entre as pessoas, nas famílias, entre vizinhos e comunidades e criam e recriam vidas dentro de um estilo peculiar de ver o mundo, que têm como base elementos relacionados com suas práticas cotidianas. O espaço em que as pescadoras realizam seu trabalho é o mesmo em que vivem, onde aprendem, onde concretizam o sentido dos lugares. Isto nos fornece pistas valiosas no sentido de podermos verificar como se modelam as experiências e como isso influencia sobre a sua ação e percepção. A imagem comunica uma sensação de liberdade no privilegiado lugar onde se dá a aprendizagem do trabalho da pescadora. Nele, natureza e cultura estão colocadas, tendo por referência os processos naturais nos quais os seres humanos se inserem, dos quais retiram o seu conhecimento e sua vida: as construções culturais humanas derivadas do conhecimento e do saber se apóiam na realidade natural.

O trabalho das pescadoras é, por vezes, tido como mera “ajuda”, um trabalho reprodutivo (DI GIOVANNI, 2006:54), ou seja, um trabalho de manutenção da vida e reprodução das pessoas. Presenciando o cotidiano das pescadoras, percebe-se que estas realizam o seu trabalho ao mesmo tempo em que cuidam de suas famílias e de suas casas. Mas isto, decerto, não pode ser verificado por produtos, por horas, pois tem sua execução na relação entre as pessoas, onde um fator importante é a disponibilidade. Constitui-se, assim, um trabalho ligado à afetividade. Atualmente, é crescente o número

de famílias sustentadas por mulheres. Estima-se que em escala planetária, elas produzem entre 60% e 80% dos alimentos (DI GIOVANNI, 2006:55) para a própria subsistência e a metade da produção mundial total de alimentos. O trabalho feminino fora de casa é encarado como não natural, posto que, quando se adota a perspectiva masculina, soa como se as mulheres conseguissem entrar num mundo exclusivamente dos homens. As mulheres ainda recebem salários menores no campo e na cidade, chegando ao ponto de que, em alguns casos, o trabalho rural do homem é pago em horas, sendo que o da mulher pago pela produtividade, demonstrando a maior precariedade da situação profissional da mulher (DI GIOVANNI, 2006:60).

Neste contexto, é importante que as mulheres estejam conscientes de sua condição social e política, não só pelo fato de terem nascido mulheres, mas, também, pelo fato de que se tornaram mulheres e estão inseridas socialmente em atividade específica, em razão de pontos de vista histórica e socialmente construídos distintos em relação aos dos homens. As sementes dessa visão política e do desejo de visibilidade despontam nos finais do século XVIII, sendo amplamente difundidas entre o movimento feminista que, com o passar do tempo, passou a incorporar em suas discussões e reivindicações a questão da segurança planetária em suas dimensões geográficas, na perspectiva de que essas questões estão subjacentes aos atuais problemas da sustentabilidade do planeta, conforme Di Giovanni (2006:40). A partir da experiência e da luta das mulheres por autonomia e equidade, o que podemos ver com Andréa Nye (1995) e Joan Scott (2005), se consolida a proposta de uma sociedade baseada em políticas de distribuição das riquezas e do trabalho. Faz-se necessário revigorar essa causa a cada dia pois as mulheres podem e devem fazer escolhas, agir e transformar o mundo, como sujeitos, independentemente de suas famílias, como senhoras de seu corpo e suas vidas.

Com os estudos de Lobato Corrêa e Zeny Rosendahl (2003), envolvendo o conceito de espaço articulado ao de cultura, que abre um campo fértil para a Geografia Cultural, faz-se uma oportunidade para abordar as relações entre as pescadoras e suas territorialidades, território e identidade: como elas se tornam donas de seu espaço sem, no entanto, se preencherem do senso de propriedade, mas sim de apropriação. Nesta apropriação, elas desenvolvem o sentimento de pertencimento a determinados lugares na medida em que ali constroem suas vidas. E é nessa realidade de produção e reprodução de vidas que se constituem, também, ambientes onde os indivíduos são ativos desses processos naturais. Os aprendizados na pesca, a convivência com

familiares, com os vizinhos, o relacionamento íntimo indivíduo *versus* natureza, o trabalho na busca do sustento: todos esses são elementos formadores da cultura produzida pela mulher pescadora.

As lutas das pescadoras não ocorrem apenas sobre as águas da Baía, no interior das canoas, mas também nas reuniões da Colônia, nas quais é grande a participação das mulheres. Vejo isso como bastante benéfico já que contribui para a construção de relações de maior solidariedade, mobilização coletiva e modos de organizar resistências. Sempre percebemos uma forte mobilização destas mulheres, algo muito evidente desde o início das pesquisas, constatado, por exemplo, quando estive presente em reuniões para a eleição do conselho deliberativo da Baía do Iguape junto ao ICMBio, órgão co-gestor da Resex. A frequência feminina e o número de mulheres candidatas às vagas de delegados, sempre foram maiores aos dos homens. Elas prosseguem neste ritmo atuante, participativo, onde os benefícios para a sua causa se concretizam através do fato de que muito do que já se conseguiu melhorar deve-se à participação mais efetiva das mulheres na colônia de pescadores.

Assim, pelos estudos realizados até agora, acredito que o acompanhamento da trajetória espacial da porção onde se descortina o cotidiano da mulher pescadora precisa focar o espaço como fruto das realidades experimentadas e descobrir a forma como a mulher pensa o seu espaço, já que este é fruto do que se vive. Nas pescadoras, é percebido um sentimento de proximidade e reconhecimento em relação ao meio ambiente, talvez por isso seja tão recorrente entre elas privilegiar o equilíbrio dele, pois existe a consciência de que é dali que se tira o sustento. Essa ideia é muito presente na vida dessas pessoas. Parece que estas mulheres trazem mesmo em si o verdadeiro sentido de ecologia, pois preenchem seu viver do que julgam melhor para seus lugares, e conseqüentemente, para todos os componentes deles. Para a abordagem cultural na visão da Geografia, é necessário focar o espaço e suas representações, tanto física quanto memorialmente, agregando o social e o cultural através do espaço vivido.

Vejo como uma tarefa, no mínimo difícil de ser executada, conseguir exprimir em palavras o sentimento que essas mulheres têm pelos seus lugares de vida, tendo em vista que esses lugares estão repletos de simbologias como a lenda da Vovó do Mangue e do Caipora, um pequeno índio que protege os animais e a mata e que, também, povoa os contos na Baía do Iguape. No caso da Vovó do Mangue, a lenda funciona como um instrumento de defesa do próprio manguezal e de sua sobrevivência, levando em conta o senso de preservação e da natureza como a própria vida. Assim, as lendas se constituem

também em tradições que se manifestam na religiosidade, na música e que se desvendam como fontes de pesquisa singulares. Partindo disto, creio importante considerar que o imaginário se constitui, de acordo com Mariano Neto (2001), em método que permite às pessoas da Baía do Iguape relacionar a complexidade ecológica e social ao não racional, ao emocional, ao impreciso e a todas as suas contradições. Por outro lado, importa registrar que compreendemos que: “O imaginário, pode ser tido como fonte atuante da ideia e da representação mental da imagem” (MARIANO NETO, 2001), ou seja, informações que se compõem individual e coletivamente, materializando-se em ações informadas por imagens e símbolos, “mediação essencial entre o mundo interior e exterior, entre o real e o imaginário, supondo-se utilização de símbolos, signos e alegorias” (CASTORIADIS, 1991).

Conclusão

Como afirma Castells (1999), a organização social e os valores culturais são os principais fatores responsáveis pela degradação do ambiente e não simplesmente a tecnologia. Para alguns campos da ciência, como, por exemplo, a ecologia preservacionista, torna-se um desafio aceitar que práticas humanas sejam vistas não só como impactos antrópicos negativos. A maior parte das atividades da sociedade atual provoca impactos negativos de toda ordem; contudo vários estudos apontam que ações humanas, quando planejadas e postas em execução segundo regras de manejo sustentável, podem, sim, trazer contribuições positivas à proteção ambiental. Mostram o quão é inegável o fato de que, geralmente, as populações tradicionais vivem em um sensível grau de harmonia com seus ambientes naturais e por isso são as melhores guardiães da biodiversidade. Esse é um argumento que muitos povos tradicionais utilizam para reforçar sua demanda para o reconhecimento de seus direitos sobre a terra. Na verdade, conforme Colchester (apud Diegues, 2000), boa parte do apoio que essas sociedades foram capazes de atrair no mundo industrializado é resultado da crença de que as comunidades tradicionais estão mais próximas da natureza e são motivadas por uma ética de conservação.

Alguns autores refletem em seus trabalhos a estreita ligação entre natureza e cultura. Partindo da cultura como uma espécie de negociação, temos aí uma dupla poderosa no que se refere à visão de mundo dessas pessoas. Referências recorrentes ao trabalho na pesca, que permeiam esta pesquisa, levam-nos a considerar que a arte de sobreviver da maré, encontra-se muito arraigada na vida de populações como a da Baía

do Iguape. Pons (In: SALDANHA, 2005) aborda esse traço ao considerá-lo como condição básica para o relacionamento harmônico entre o homem e a natureza, a imbricação dessa última com a cultura.

A partir do modo como trata aos seus em casa e como os inicia ao ofício da pesca, a mulher do Iguape se torna depositária e transmissora do valor que atribui à profissão. Esse tesouro a autoriza a ser uma potencial peça na possibilidade de reestruturação da desorganização geossistêmica atual, no momento em que envia para o futuro seus valores e crenças. Aqui, entende-se que o desenvolvimento social prediz a ideia de sustentabilidade, pois trata da capacidade que a natureza tem de dar sustento à vida. O sentido de desenvolvimento – que se construiu como uma ideologia que dá sentido ao sistema de relações de poder no mundo – é distante do sentimento de interdependência com a natureza estabelecido por essas pessoas. Há indícios de que as populações tradicionais, por viverem em comunhão com seu meio, vivenciam mais a sensação de bem estar do que populações de países tidos como “primeiro mundo”, onde a lógica seria a “submissão do outro” a título de mostra de soberania, como aborda Díaz Muñoz (1995).

Dessas distintas cosmovisões, faz-se necessário aos estudiosos contribuírem mais para a compreensão da sociedade através das numerosas facetas da cultura. Como exemplo, temos a cultura popular em suas múltiplas manifestações e variações espaciais, buscando o que é banalizado ou o que passa despercebido a olhos menos atentos. Deve-se também encontrar pistas de fatos que quebrem paradigmas e promovam os estudos dos variados modos de vida. É justamente este o mote desse trabalho de verificação e análise da cultura produzida pelas pescadoras da Baía do Iguape. A mulher pescadora, gradativamente, toma ciência de sua importância na sociedade como mulher, cidadã e produtora responsável pelo seu espaço social, pela sua interação com o ambiente efetivada de modo sustentável e responsável.

A participação das mulheres segue em perspectivas positivas onde quer que haja possibilidade de discussão de seus interesses, como exemplo, na oficina realizada no início do mês de julho/2007, na localidade de São Roque do Paraguaçu, realizada pelo projeto MARENA.² Com a participação de lideranças comunitárias, pescadoras e pescadores, foram repassados resultados da pesquisa do referido projeto à população local entre outras atividades. Nessa oficina, pudemos perceber o desequilíbrio na

² Projeto de pesquisa sobre manejo de recursos naturais na Resex Baía do Iguape coordenado pela Prof^a Dr^a Catherine Prost, IGEO/UFBA.

participação por gênero: 31 pessoas, sendo 27 pescadoras e 4 pescadores. A diferença confirma-se como habitual e sinaliza que as pescadoras se fazem muito mais atuantes, empolgadas e despertadas para a busca de melhores condições de vida e trabalho.

Seguramente, oficinas como a realizada pelo projeto MARENA constituem-se como momentos onde podem ser originadas alternativas de ressignificação das relações sociais. Milton Santos (1982:28) aborda os atores sociais, definindo as configurações de determinado espaço: o espaço geográfico vai absorvendo as características do tipo de relações que nele são vivenciadas. As pescadoras constroem o seu espaço não apenas quando buscam o sustento, como também quando cuidam do seu meio, de seu lar e de sua família. O modo de realização de seu trabalho materializa propostas que nos levam a refletir numa perspectiva mais humanitária de progresso e de condições mais dignas. A mobilização das mulheres em oficinas, associações e na colônia de pescadores, assim como as formas das práticas sociais em torno da pesca representam importantes elementos na produção do espaço social local.

Referências

Orais:

Edna da Conceição dos Santos, 59 anos. Pescadora. Entrevista cedida a Jeruza Rosário em 05/07/2007.

Regina Célia dos Santos, 57 anos. Pescadora. Entrevista cedida a Jeruza Rosário em 05/07/2007.

Roquelina Souza de Almeida, 43 anos. Pescadora. Entrevista cedida a Jeruza Rosário em 06/07/2007.

Livros:

CASTELLS, M. **O poder da identidade**. Paz. e Terra, 1999.

CASTORIADIS, Cornelius. **A Instituição Imaginária da Sociedade**. São Paulo, Paz e Terra, 1991.

CASTRO, Edna. **Faces do Trópico Úmido**. Florence Pinto. 1997.

CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

DI GIOVANNI, Júlia. **A agricultura na Sociedade de Mercado – As mulheres dizem não ao livre comércio**. Ed. SOF. São Paulo, 2006.

DÍAZ MUÑOZ, M. A. e MOYA, J. M **Mujeres, espacio y sociedad. Hacia una geografía del género**. Madrid: Síntesis, 1995.

DIEGUES, Antônio Carlos (Org.). **Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos**. São Paulo: Editora Hucitec, 2000.

DIEGUES, A. C. S. **Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar**. Ed. Ática, 1983.

FERREIRA, M de Moraes e Armando J. (org.). **História Oral Usos e Abusos**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora. 1996.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 14 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem**. São Paulo: Hucitec, 1982.

Artigos:

COSTA, Ana Alice Alcântara. **“O Movimento Feminista no Brasil: dinâmicas de uma intervenção política”**. Niterói. Revista Gênero. V. 5, nº 2, p. 9-35. 1º Sem 2005.

MARIANO NETO, Belarmino. **Ecologia e Imaginário**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2001.

NYE, Andrea. **Teoria feminista e as filosofias do homem**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos. 1995 (Cap. 2 - Liberté, Égalité et Fraternité: Liberalismo e Direitos das mulheres no século XIX.). Pp. 18-47.

SARDENBERG, Cecilia Maria Bacellar, **"Da Crítica Feminista à Ciência. Uma Ciência Feminista?"**. In: COSTA, Ana Alice Alcântara & SARDENBERG, Cecilia Maria Bacellar (Orgs.). **Feminismo, Ciência e Tecnologia**, Salvador: Coleção Bahianas, 2002.

SCHIEBINGER, Londa. **O Feminismo mudou a ciência?** Bauru.SP. EDUSC. 2001. 384p. Coleção Mulher. Cap. III.

SCOTT, Joan W. O enigma da igualdade. **Estudos Feministas**, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Centro de Comunicação e Expressão. Florianópolis, Santa Catarina, v.,13, n.,1, p.11-30, jan./ abr. 2005.

SILIPRANDI, Emma. **Contribuições e limites para a abordagem de políticas ambientais**. Revista Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável, Porto Alegre, v. 1, nº 1, jan./mar. 2000. p. 65.

Teses:

SALDANHA, Iaskara R. R. **Espaços, recursos e conhecimento tradicional dos pescadores de manjuba (*Anchoiella lepidentostole*) em Iguape - SP.** São Paulo, 2005.

SOUZA, Cláudia Cristina. **Mulheres da maré: um estudo sobre as marisqueiras de Maragojipe – Bahia.** 1991. Monografia (especialização). UFBA, Salvador, 1991.